



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS ÁLVARO VELHO

■ ESCOLA BÁSICA DO 2.º E 3.º CICLOS ÁLVARO VELHO

■ ESCOLA EB1/II N.º 1 LAVRADIO

■ ESCOLA EB1/II N.º 2 LAVRADIO

■ ESCOLA EB1/II DOS FIDALGUINHOS

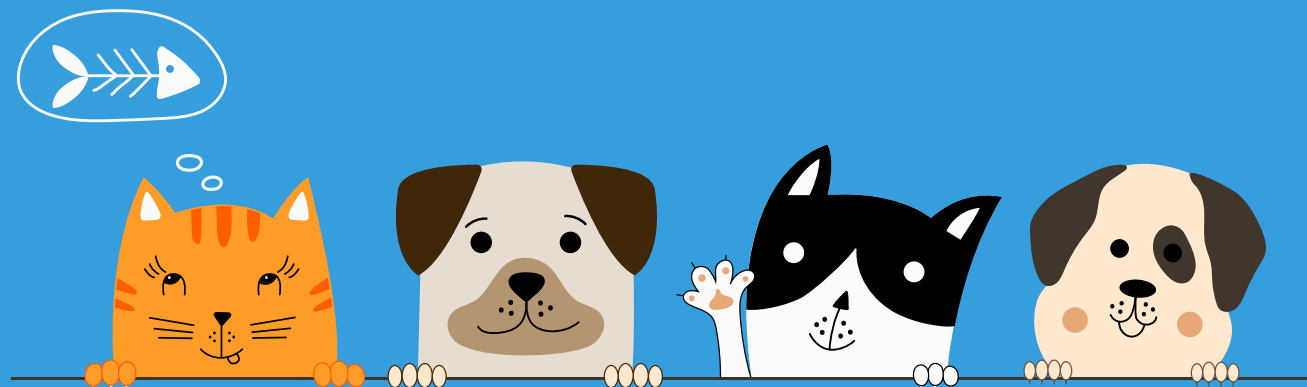
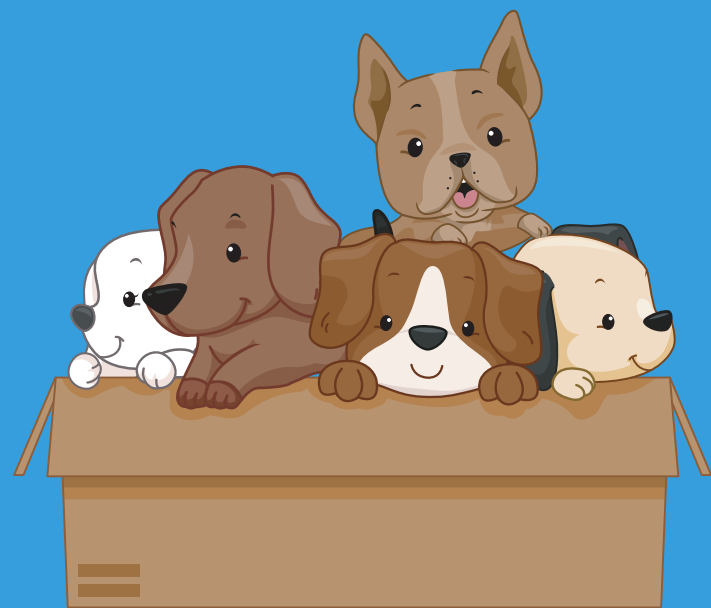


Anna Lavatelli

# Quem incendiou a biblioteca?

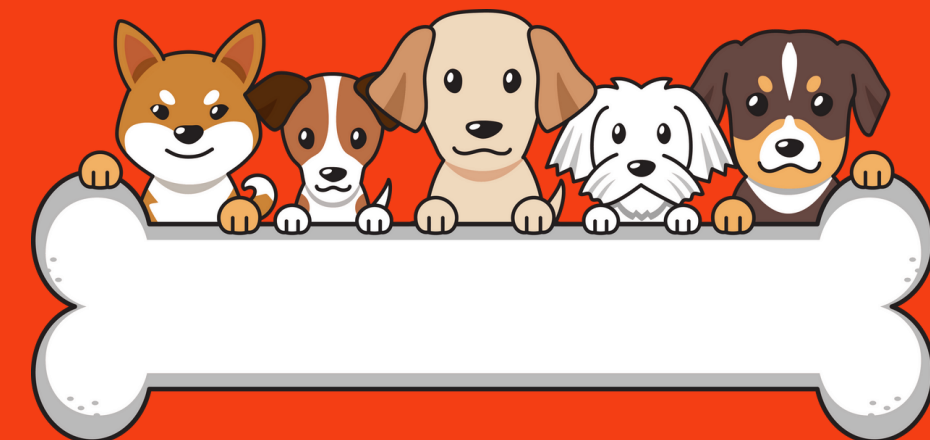


Andando para sul, em direção aos subúrbios de Milão, onde a cidade deixa o seu ar de grande senhora e veste uma roupa mais informal, de trabalhadora incansável, pode encontrar-se a Rua Cãesegatos.





A rua Cãesegatos não é como todas as outras ruas. Imaginem que até há uma biblioteca para miúdos. Coisa igual não se encontra em todo o lado. Conheço crianças que levam meia hora para lá chegar. Mas não é tudo, pois a biblioteca da rua Cãesegatos não é uma biblioteca qualquer. Querem provas? Aí estão.





Uma noite deflagrou um incêndio na biblioteca.  
Um incêndio muito mau, daqueles que atacam muito devagarinho, com uma chamazinha fraca, parecida com uma vela perpétua, e, de repente, crescem com a força de mil línguas soltas.

Os livros, coitados, nem sequer têm tempo de acordar (sim porque de noite também eles dormem, sabiam?), e já estão completamente cercados.



-Uh! Uh! Uh! Uh! - sopram com maldade as chamas devoradoras, esticando-se em direção às outras estantes.

-Socorro! Socorro! - gritam os livros, tentando desesperadamente encontrar uma maneira de escapar.



Os livros mais velhos fazem de escudo com o próprio corpo aos livros mais novos, opondo-se deste modo à força das chamas.

-Fujam, vocês que são novos! - gritam. - Nós já fomos lidos e relidos e podemos morrer felizes....





Os livros de aventuras tudo fazem para salvar os seus companheiros, atirando-os pela janela.

O que está a acontecer na Rua Cãesegatos enquanto dentro da biblioteca o fogo , muito mais insaciável do que o mais insaciável dos leitores, devora um livro atrás do outro?

Não está a acontecer nada, ou quase nada. O que querem, são duas da manhã e as pessoas estão a dormir.

Ainda bem que a Dona Teresa, não dorme nem que beba cinquenta chás de camomila.

É ela , pois quem se apercebe do incêndio e logo chama os bombeiros.

-Está? O quê? Onde?.... Vamos já!

Entretanto as pessoas acordam e vão ajudar.

-Fogo, fogo!

-Vamos fazer uma corrente com os baldes....

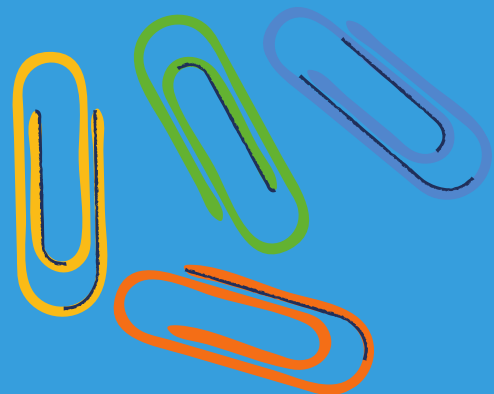
-Chamem a bibliotecária!

(...) a biblioteca está a arder! É como se a sua alma também estivesse a arder. Tremem-lhe as pernas pelo desânimo.



Mantém a cabeça para baixo porque não quer ver o que o fogo fez aos seus queridos livros.

Tentou tudo para atrair as crianças para a biblioteca. Jogos, brincadeiras, prendas, saltos mortais. Mas, no fim, ganhou! E se os miúdos daquela zona são um pouco mais espertos do que os outros, o mérito também é seu.





-Coragem, Dona Joana - um bombeiro reconhece-a e aproxima-se. - Não é grave. Chegámos a tempo, felizmente. Além disso, o fogo criou um redomoinho ou um turbilhão, sei lá, e muitos livros voaram para fora.

Incrivelmente, porém, há uma ala inteira da biblioteca que se salvou completamente. A seção “romances de aventuras” foi poupada pelas chamas.



Muito pálida, abatida, com os olhos marcados pelo cansaço e pela dor, a Dona Joana ficou acordada toda a noite: a noite inteira vagueou pela Rua Cãesegatos apanhando os livros que saltaram pela janela.

E ao nascer do sol, comovido, o bombeiro, que se chama Guilherme, teve que se render.

-Está bem. Dona Joana. Entre.

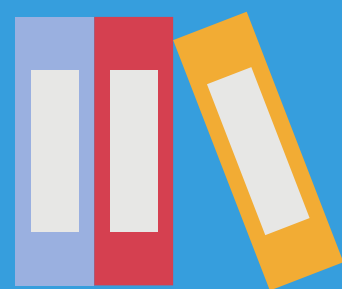
-Muito obrigada, senhor Guilherme, muito obrigada.

Mas o senhor Guilherme não a deixa entrar sozinha.



E enquanto a bibliotecária tenta fazer um primeiro balanço das perdas, consultando os ficheiros, ele vagueia meditando pelos escombros.

- Dona Joana cheira-me a esturro!
- Que descoberta, senhor Guilherme ! Houve um incêndio... Queria que cheirasse a quê?
- Não, não é nesse sentido! Queria dizer que... Hum... Numa primeira análise... As causas do sinistro ... Hum... Não me convencem, pronto.



-Está a insinuar que alguém veio aqui e pegou fogo à biblioteca?

-Isso mesmo.

A Dona Joana fitou o senhor Guilherme como se o visse pela primeira vez. Ou melhor, como se à sua frente estivesse um extraterrestre, um monstro galáctico. Quem, quem ousaria fazer uma ação tão nefasta? Ninguém, na opinião dela, poderia odiar a biblioteca.

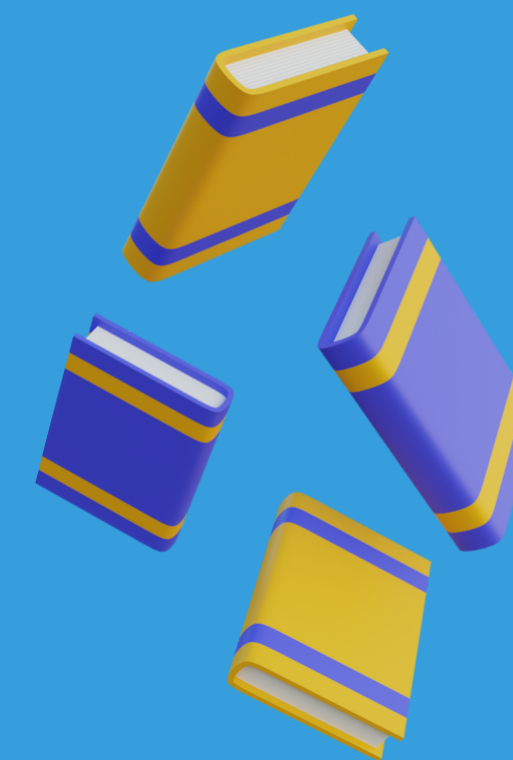
-Ah! Já imagino onde quer chegar... Quer culpar as crianças. Não é? Garanto que não foram elas.



-De qualquer maneira, também excluo as crianças. Deve ter sido um adulto.

-Bem, os adultos que aqui vêm são raros. Conheço-os bem, tudo boa gente. De qualquer forma posso dar-lhe os nomes... caso queira aprofundar o caso.

Ouviram? Ouviram? O que foi? Um tombo, não foi? Olha para ali, no chão: Ah! Caíram livros da prateleira. Uma corrente de ar, talvez. Quem sabe. A Dona Joana corre a apanhá-los com cuidado maternal . O senhor Guilherme sai para investigar.



Está com a Dona Ângela, que a esta hora dá uma aula na Rua da Raposa Vermelha perante vinte e quatro pares de olhos esbugalhados. O dono do vigésimo quinto par de olhos hoje não veio porque tem sarampo.

A Dona Ângela é professora, claro. Todas as quintas-feiras vai à biblioteca e escolhe um livro. E todas as sextas-feiras lê-o nas aulas. Ah, mas como ela ninguém lê.

Quando o senhor Guilherme entra na sala, ninguém repara nele.(...) percebe de imediato que a Dona Ângela não pode ser a culpada.





Mas há um outro suspeito para interrogar. O único adulto que frequenta a biblioteca dos miúdos, para além da Dona Ângela. Mora na Rua dos Atuns, que não é muito longe.

-Meu Deus! Um bombeiro? Há por acaso um incêndio...

-Não, senhor Luís. É por causa da biblioteca.

-A biblioteca, pois. Um belo enredo...Posso ajudá-lo?

-Ajudar? Não. Ou melhor, sim. Só algumas informações.Sei que vai lá muitas vezes.

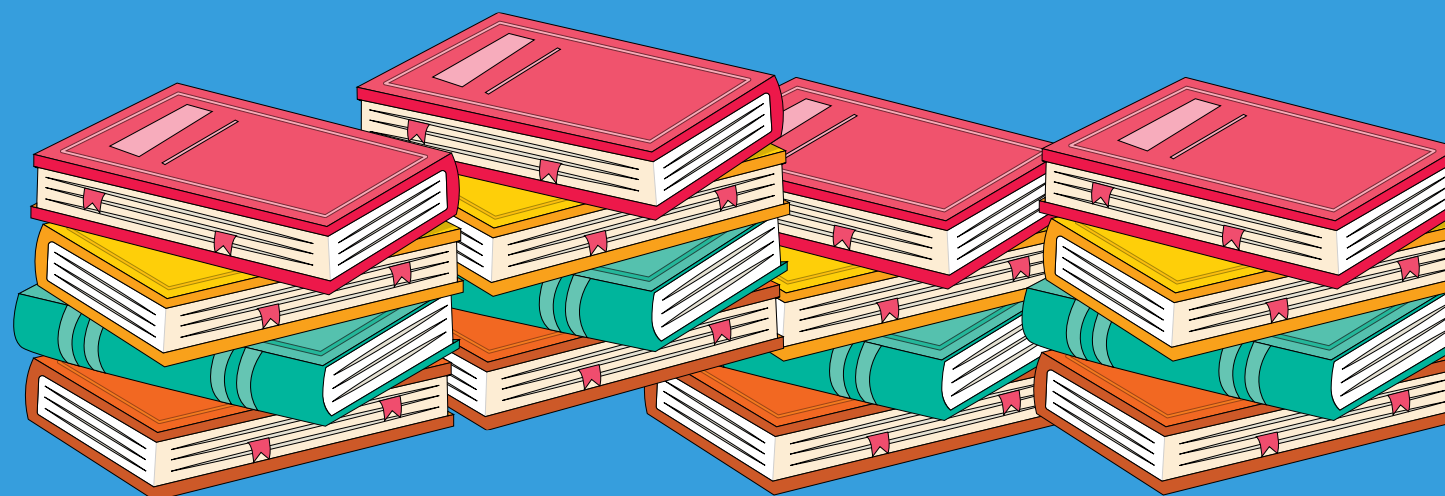


-Sim, costumo ir lá bastantes vezes... A Dona Joana dá-me sempre livros com letras bem grandes, pois sabe que já não vejo quase nada, mesmo com óculos.

Outro palpite falhado, senhor Guilherme. Paciência.

Não resta mais que voltar para a biblioteca para fazer surgir alguma outra ideia.

Quando o vê, a Dona Joana suspende por um instante o seu duro trabalho de arrumação.





-Salvaram-se muitos. E também toda a seção dos romances de aventuras. E você, tem novidades?

-Nada, infelizmente. Nenhuma novidade.

Ouviram? Outra vez? Outro tombo, não foi? Outra vez! Caíram livros das prateleiras. Com estas correntes de ar seguidas ainda se apanha uma constipação.

-Curioso! - comenta a Dona Joana, correndo para apanhar os livros. - São os mesmos de há pouco. E tinha-os arrumado... Hoje é um dia assim.





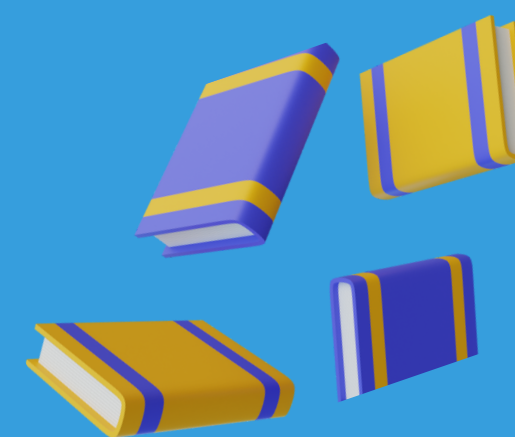
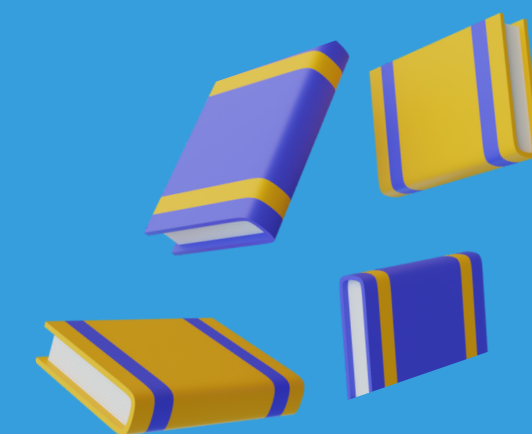
Porque não fala com a Dona Teresa? Ela nunca dorme, se calhar viu alguma coisa.

-É para já.Obrigado!- o senhor Guilherme sai outra vez, batendo a porta. Caem de novo livros da estante. Sempre os mesmos! Uff.

-Incomodo, D.Teresa?

-Entre, entre. O meu neto está com sarampo. Você já teve?

-Já tive, esteja descansada.Posso sentar-me?





-Claro, faça favor. Aleixo, cumprimenta o senhor  
-Olá. O que é que estás a fazer? Os trabalhos de casa?



-Sim... os trabalhos de casa! As parvoíces que a professora lhe ensina. No meu tempo não era assim...



-Não são parvoíces , avó. São acrósticos. A minha professora diz que desenvolvem a imaginação. A partir das letras de um nome escrevem-se algumas frases ou versos. Por exemplo, a minha mãe chama-se Eva.



Um acróstico de Eva poderia ser Está Vento Ainda.  
Interessante, não é?

-Parvoíces, para mim são parvoíces.

O que deseja, senhor Guilherme?

-Nada...Perguntava a mim mesmo se ontem notou algo estranho, pronto. Ontem à noite, por exemplo.

-Bem...sem ser o incêndio nada, parece-me.

-Mas se se lembrar de qualquer outra coisa, mesmo que insignificante, informe-me.



O senhor Guilherme volta para a biblioteca triste e abatido. A Dona Joana já percebeu que não há novidades .

-Nenhuma testemunha - diz o bombeiro abatido.

E, imediatamente , voltaram a cair os mesmos livros de há pouco.

-Outra vez! - suspira a bibliotecária - queria perceber...

-Eu acho que já entendi! Traga-me aqueles livros Dona Joana.



E vocês? perceberam? Ainda não? Paciência, nem todos podemos nascer detectives. De qualquer modo o senhor Guilherme vai-nos explicar direitinho.

-Dona Joana, sabe o que é um acróstico?

-Claro que sei. A partir de um nome...

-Certo, certo. Nós procuramos um nome, não é? Procuramos também uma testemunha. Certo? Aqui estão as nossas testemunhas.

-Os livros? Olhe que eles não falam...

-E se falassem? Com um acróstico, por exemplo.



-Quer dizer que a partir dos títulos destes livros poderíamos...

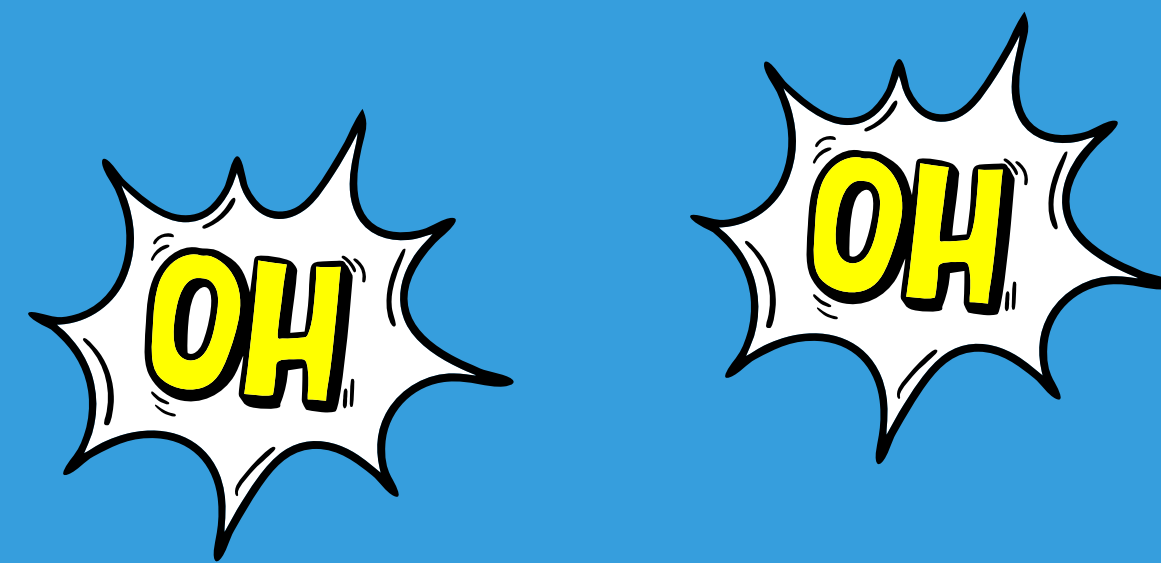
-Elementar, Dona Joana. A partir da primeira letra destes títulos nós....

-Vamos tentar já.

São quatro livros: Incompreendido, Cinderela, Fábulas ao telefone e Alice no País das Maravilhas. Tentemos várias combinações. ICFA, AFCI, IACF, FACI...

Diz a Dona Joana.

-O senhor Faci... O senhor Ernesto Faci!





-Quem é ele?

-O proprietário de uma sala de jogos, mesmo na esquina, onde a Rua Cãesegatos cruza com a Rua do Bacalhau. Não me suporta. Diz que lhe espanto a clientela. Mas não pensava que era capaz de chegar a este ponto! De qualquer maneira, pior para ele. Vamos à Polícia e...

-O que vamos contar à Polícia? Que os livros falaram? Que temos a prova do acróstico?

-Não tinha pensado nisso.

-Voltámos à estaca zero. Ou melhor, quase.





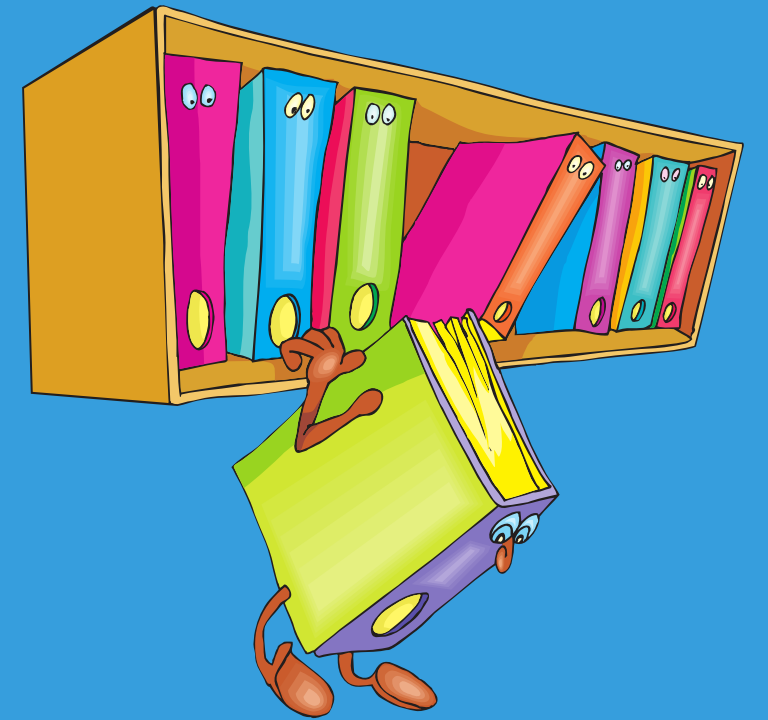
Outro tombo. Outra vez! agora é um exagero, se calhar sonhámos. Qual quê! Caiu mesmo outro livro. A Dona Joana corre para apanhá-lo e as mãos tremem~lhe de emoção.

-Mostre! O que é?

-*Manual do Pequeno Fotógrafo*. Juro que não percebo.

-Acho que temos que refazer o acróstico.

-Acho que sim... Mas espere. Não! Elementar senhor Guilherme, elementar!



A Dona Joana põe-se a folhear o livro concentrada. Aqui está: finalmente o capítulo “revelação e impressão”! O momento é solene. Estará lá ou não?



-Aqui está!

O quê? Elementar, meus rapazes. Uma fotografia muito bem tirada, revelada e impressa pelo - *Manual do Pequeno Fotógrafo*. É a fotografia do senhor Ernesto Faci, proprietário da referida sala de jogos, enquanto acende com um sorriso maldoso um fósforo, depois de se ter introduzido protegido pelas trevas.



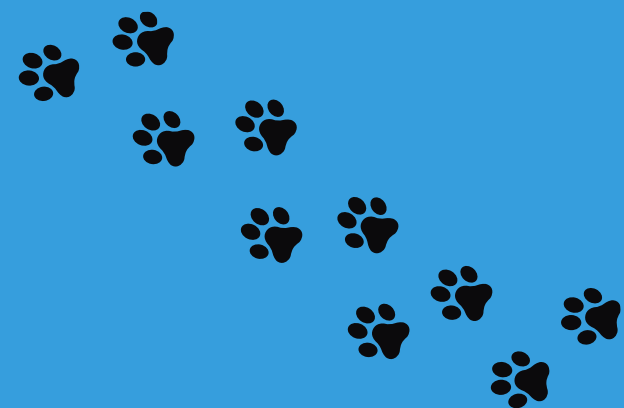


A Dona Joana está radiante.

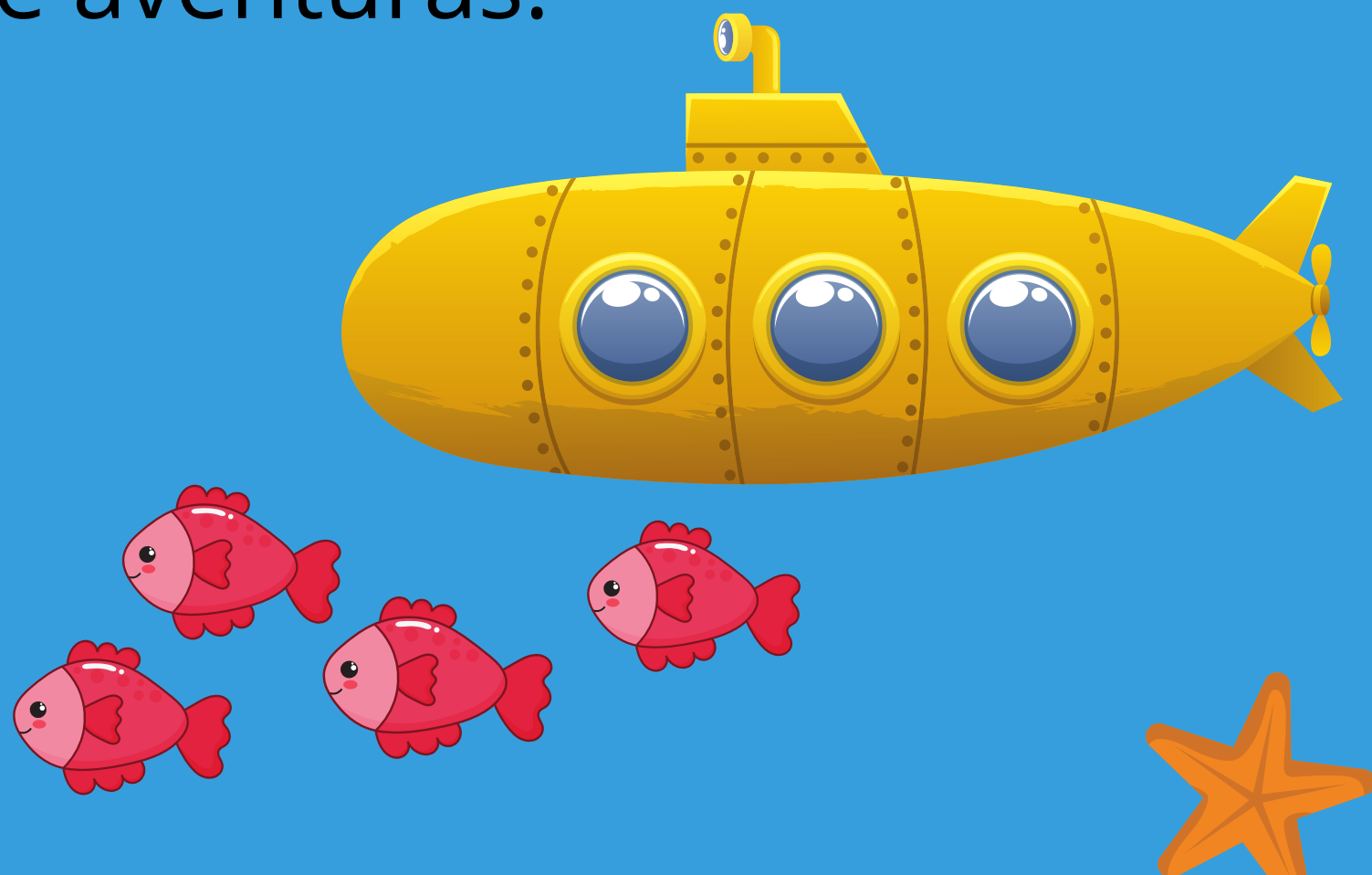
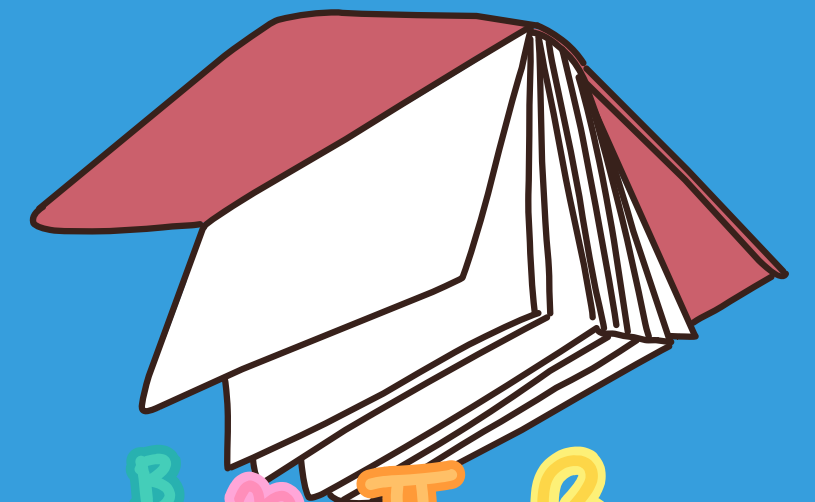
-Agora podemos ir à Polícia, não é ?

Primeiro o culpado nega tudo, depois hesita e por fim, acaba por confessar.

E agora o grande final, com festa e alegria na Rua Cãesegatos, com a reabertura oficial da biblioteca para miúdos, com jornalistas e fotógrafos que queriam ver o Aleixo, involuntário desvendador deste mistério.

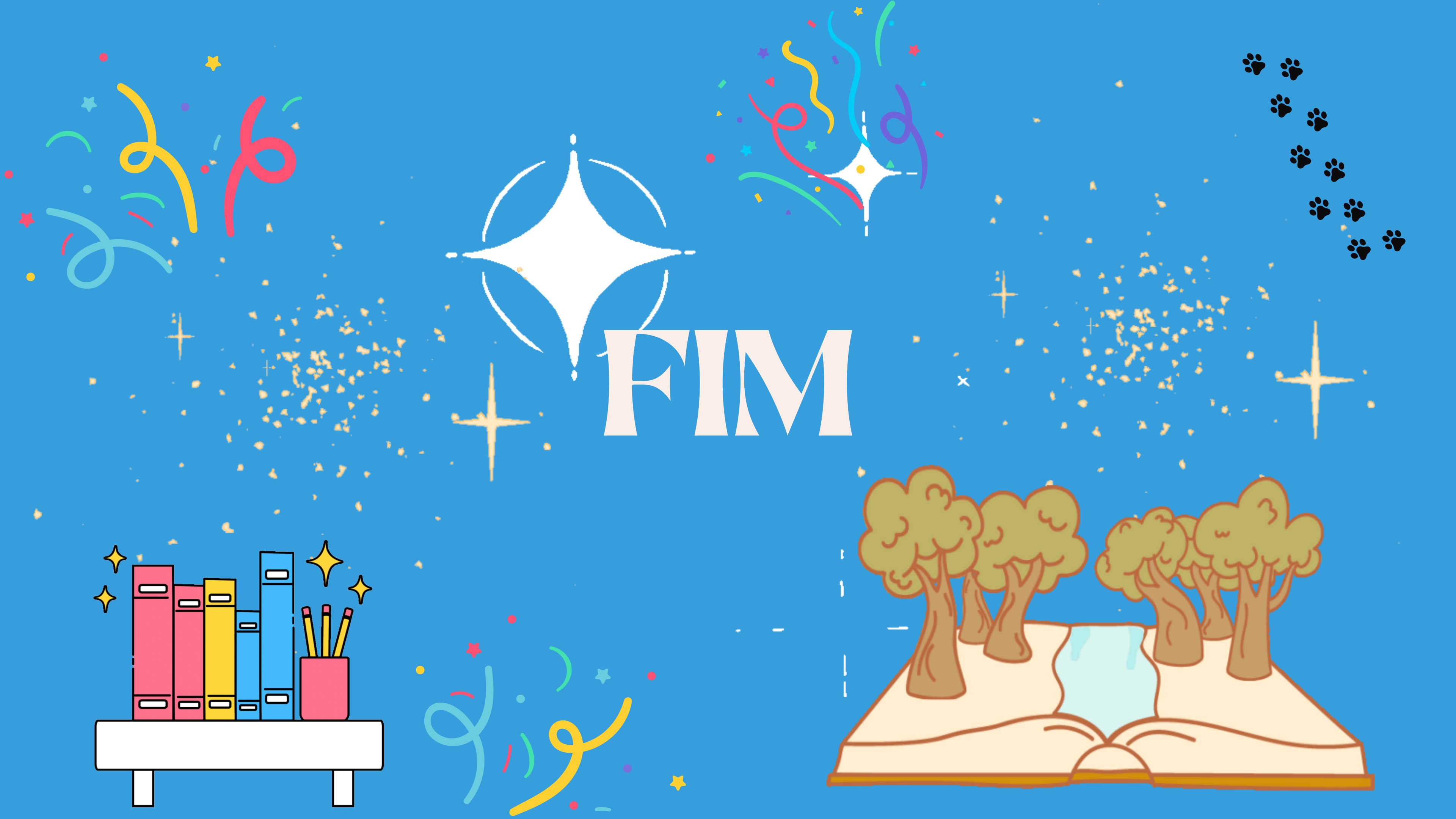
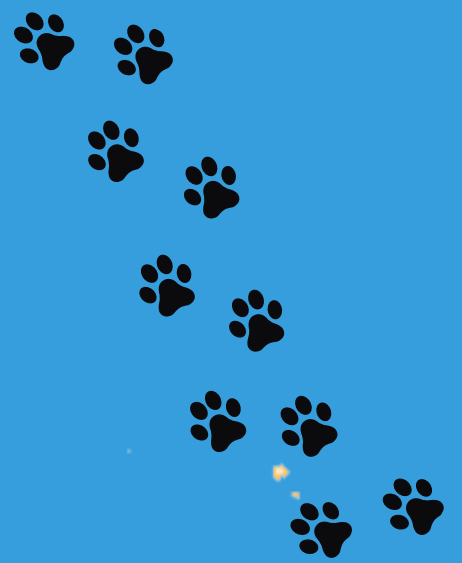


Dentro de alguns dias a Dona Joana resolverá também o último enigma. Pegará no volume *As Vinte Mil Léguas Submarinas* e não encontrará uma única letra nas suas densas páginas oceânicas. É que o pobre livro despejou-as todas sobre o fogo e com o seu sacrifício salvou a seção dos romances de aventuras.





# FIM





# Estiveste com atenção?



Responde , então....

**1- Os miúdos da Rua Cãesegatos são um pouco mais espertos do que os outros(...)**

- O que é ser esperto?**
- Que fatores contribuíram para que as crianças daquela rua sejam “ Mais espertas”?**



# Estiveste com atenção?



Responde , então....

**2 - Quem incendiou a biblioteca?**

**3- Quais os motivos que o levaram a praticar este ato?**

**4- Que papel tiveram os livros na identificação do criminoso?**

**5 - Constrói um acróstico com a palavra *Biblioteca*.**